

O uso do tempo como medida da qualidade de vida urbana

AMAURY DE SOUZA *

1. Introdução; 2. Tempo físico e tempo social. 3. Mensuração do uso do tempo; 4. Diferenças no uso do tempo; 5. Diferenças nacionais no uso do tempo; 6. O uso do tempo como medida da mudança social; 7. Trabalho e lazer.

“Um dia tem 24, uma semana tem 168, um ano tem quase 8.800 horas. De dia a dia, de semana a semana, de ano a ano, este montante de tempo é igualmente concedido a pobres e ricos, a jovens e velhos, a homens e mulheres — a cada pessoa neste nosso planeta, sem distinção de nacionalidade, língua, cor, crença política ou religiosa e posição social. Isso posto, é necessário aduzir a afirmação melancólica de que o tempo físico é provavelmente a única coisa igualmente distribuída entre os seres humanos, a única coisa da qual todos recebem a mesma quantidade e da qual todos podem gastar o mesmo montante: 24 horas por dia, nem mais, nem menos.”

—Alexander Szalai, 1966

* Professor no curso de mestrado em ciência política, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro e Professor Conferencista da EBAP.

1. Introdução

A distribuição do tempo físico, a exata parcela de 24 horas diárias concedidas a cada ser humano, é igualitária. Mas a maneira como cada ser humano gasta sua quota diária, como *deve e pode* usar seu tempo, varia consideravelmente, refletindo a estrutura da sociedade a que pertence e o mosaico particular de suas desigualdades. A dupla propriedade do tempo, de ser igualmente distribuído e desigualmente gasto pelos homens, decorre do fato de ser ele, como o concebia Aristóteles, uma medida de movimento e de mudança. Foi com este sentido que o homem aprendeu a utilizar o tempo físico como medida de sua atividade social — medida que conseqüentemente traduz, dentro de limites finitos, a enorme variedade e complexidade da vida social. Ademais, os limites do tempo diário são universais e passíveis de mensuração ao longo de um única dimensão. Justamente por isso, o tempo físico é como que a “medida natural” da vida cotidiana de uma sociedade, a base comum sobre a qual é possível avaliar-se a distância relativa entre seus valores e sua realidade e identificarem-se os beneficiários e as vítimas do seu desenvolvimento.

O emprego de tempo, a forma pela qual uma população gasta as 24 horas do dia, é assim uma medida exemplar da qualidade de sua vida social. A mensuração de tal uso é feita mediante um *orçamento de tempo*, o qual pode ser sucintamente definido como um instrumento que contabilize o montante de tempo alocado por um grupo específico para cada uma de suas possíveis atividades, dentro dos limites do quadro temporal de referência, seja ele um dia, um fim de semana ou toda uma semana. Já a “qualidade da vida”, notadamente da vida urbana, não é uma noção de imediato compreensível. Uma orientação geral, que dominou parte considerável da literatura sobre ciências sociais nos últimos 100 anos, equacionou este problema pela contraposição dos estilos de vida típicos da comunidade e da sociedade. Os adeptos desta orientação, de um modo ou de outro, consideravam que a *gemeinschaft* do mundo pré-industrial trazia o estilo de vida “natural” da sociedade humana, caracterizado pela intimidade e constância dos contatos sociais firmemente ancorados em grupos primários; a sociedade urbano-industrial, ao contrário, seria caracterizada pela inconstância, impessoalidade e isolamento, e por comportamentos anômicos ou patológicos daí decorrentes.¹ A própria formulação excludente dos dois tipos de sociedade e seu antiurbanismo implícito, identificando a vida urbana como indesejável, torna esta orientação pouco relevante para a avaliação da qualidade de vida, problema que é, em última análise, mais uma questão de grau que de natureza. Mesmo porque, a própria concepção idílica da pequena comunidade rural tem sido, em anos recentes, matéria altamente controversa entre os cientistas so-

¹ Talvez a expressão mais significativa e articulada dessa concepção da vida urbana seja o trabalho de Wirth, Luis. *Urbanism as a way of life*. *American Journal of Sociology*, v. 44, 1-24, jul. 1938. Um estudo extremamente interessante sobre as raízes intelectuais da perspectiva antiurbana é o de White, Morton & Lucia, *The intellectual versus the city*. Cambridge, Harvard University Press, 1962.

ciais.² Talvez uma abordagem mais profícua seja aquela que reconheça a permanência da cidade moderna como a fonte do estilo de vida dominante e o principal centro dinâmico da sociedade e da economia. Assim, a atenção deve voltar-se para a avaliação dos custos e dos benefícios diferencialmente impostos à sua população, ou seja, para a análise daqueles fatores que “influenciam diretamente as condições de vida e de trabalho da população urbana”.³ A cidade moderna, em poucas palavras, veio para ficar; e, como núcleo dinâmico do desenvolvimento, ela é, na verdade, o *locus* ideal para avaliação da qualidade geral da vida. E isso não apenas no sentido de que é hoje concebível a emergência, em futuro não muito remoto, de um mundo inteiramente urbanizado. Mas, principalmente, porque a cidade moderna constitui um sistema razoavelmente integrado, onde se entrecrocavam abertamente fatores deterministas e o exercício da intervenção humana. A metrópole não é o produto fortuito de causas obscuras. Ao contrário, como sugeriu Deutsch, ela pode ser melhor concebida como “imensa máquina de comunicação, um artifício para aumentar o escopo e reduzir o custo das escolhas individuais e sociais”.⁴ Assim sendo, a avaliação da qualidade da vida urbana ganha um sentido mais preciso. Trata-se, por um lado, da preservação e desenvolvimento dos recursos naturais necessários à sua existência e ao seu funcionamento. Mas, por outro lado, trata-se essencialmente da preservação e do desenvolvimento de seu recurso principal — sua população humana. E aqui a questão básica é a da equidade na distribuição de custos e benefícios.⁵

Em suma: a melhor qualidade de vida pertence à cidade que mais possibilite à sua população acesso a maior número de modos alternativos de vida. A maneira como a cidade impõe gastos diferenciais de tempo físico à sua população — restringindo pois o escopo e aumentando o custo de suas escolhas — é, nesta perspectiva, a medida exata do grau em que ela se aproxima ou da Cidade do Homem, ou da *bête noire* do progresso industrial.⁶

² Ver, por exemplo, Foster, George M., Peasant Society and the image of limited good. *American Anthropologist*, v. 67, n. 2, Apr. 1965.

³ Perloff, Harvey S. A framework for dealing with the urban environment. In: Perloff Harvey S. ed. *The quality of the urban environment*. Washington DC, Resources for the Future Inc., 1969. p. 17.

⁴ Deutsch, Karl W. On social communication and the metropolis. In: Rodwin, Lloyd. ed. *The future metropolis*, London, Constable and Co. Ltd., 1960.

⁵ Não é outra a idéia que inspira as propostas mais recentes de estabelecimento de um “sistema nacional de indicadores sociais”. Ver a esse respeito os trabalhos de Olson Jr., Mancur. *Toward a social report*. Washington DC, US Department of Health, Education, and Welfare, 1969; Gross, Bertram M. The state of the Nation: social systems accounting. In: Bauer Raymond A. ed. *Social indicators*. Cambridge, The MIT Press, 1966. p. 154-271; e Gross Bertram M. ed. *Social goals and indicators for american society*, número especial de *The Annals*, v. 371, may 1967.

⁶ O uso de orçamentos de tempo para a avaliação das conseqüências do crescimento urbano foi originalmente proposto no excelente trabalho de Meier, Richard L. Human time allocation: a basis for social accounts. *Journal of the American Institute of Planners*, v. 15, n. 1, Feb. 1959, p. 27-33.

2. Tempo físico e tempo social

A utilização do tempo físico como medida da atividade social do homem é prática bastante recente, mas nem por isso menos imperativa. A divisão social do trabalho gerada pela vida industrial e urbana determinou a atual divisão do tempo entre as horas de trabalho, socialmente compelidas e reguladas, e as horas livres ou de lazer. Szalai lembra com muita propriedade que a coordenação das atividades sociais por meio do tempo tornou-se prática tão arraigada e fundamental para o homem que, mesmo vivendo em uma era de alta mecanização, o relógio é o único instrumento mecânico que ele mantém constantemente junto ao seu corpo.⁷

Isso não significa que o tempo seja igualmente percebido ou avaliado por todas as pessoas e para todas as atividades humanas. Pode-se mesmo argumentar que a mensuração estritamente quantitativa do tempo ignora seu significado subjetivo, as escalas e os ritmos descontínuos que regem sua vivência social e cotidiana, concedendo a mesma importância, por exemplo, ao momento de êxtase ou da queda que antecede à morte e ao momento passado em uma viagem de ônibus, ou numa refeição.⁸ A controvérsia entre estas duas concepções do tempo, implicando ou uma dimensão externa de tempo físico, ou uma dimensão interna de tempo subjetivo, tem longa história. Em essência, esta controvérsia surgiu da discrepância entre a noção do tempo como conceito e a experiência humana do tempo como sentimento.⁹ A concepção do tempo físico representa esta medida de movimento como linear e não repetitiva, fluindo uniforme e ininterruptamente em unidades divisíveis de igual dura-

⁷ Ver Szalai, Alexander. Differential evaluation of time budget for comparative purposes. In: Merritt, Richard L. & Rokkan, Stein. *Comparing nations: the use of quantitative data in cross-national research*. New Haven, Yale University Press, 1966. p. 239-58. Alex Inkeles sugeriu inclusive que o grau de aceitação e de observância do tempo físico na coordenação das atividades humanas constitui uma medida adequada do grau de modernização de uma dada sociedade. Um homem será mais moderno, segundo Inkeles, "se ele se orienta mais para o presente ou para o futuro do que para o passado;... se ele aceita horas fixas como algo sensato e apropriado, ou até mesmo desejável, ao contrário do homem que pensa que tais regras representam algo ruim ou talvez infelizmente necessário;... e se ele é pontual, regular e ordeiro na organização de suas atividades". Cf. Inkeles, Alex. The modernization of man. In: Weiner Myron. ed. *Modernization*, New York, Basic Books, 1966. p. 138-50.

⁸ A perda de significado de diferentes atividades quando mensuradas ao longo de uma dimensão temporal estritamente quantitativa e unitária é discutida por Grazia, Sebastian de, *Of time, work, and leisure*. New York, Twentieth Century Fund, 1962. A percepção do tempo como constituído de patamares de ritmos descontínuos é objeto do trabalho clássico de Curvitch, Georges. *La multiplicité de temps sociaux*. Paris, Sorbonne, Centre de Documentation Universitaire, 1961. E o conceito de tempo social, em contraposição ao tempo puramente físico, é apresentado em Sorokin, Pitirim & Merton, Robert K. Social time: a methodological and functional analysis. *American Journal of Sociology*, v. 42, Mar. 1937, p. 615-29. Ver também Moore, Wilbert. *Man, time, and society*. New York, John Wiley and Sons, 1963.

⁹ Ver a propósito a discussão das várias concepções do tempo em Berkhofer Jr., Robert F. *A behavioral approach to historical analysis*. Glencoe, The Free Press, 1969. esp. p. 211-42.

ção. O tempo subjetivo, ao contrário, é o tempo percebido pela consciência e sua duração é antes mensurada por meio da vivência de determinados eventos pelo homem. Não cabe aqui discutir as múltiplas facetas desta controvérsia. Entretanto, no que diz respeito ao tempo da vida social, é concebível que a distância entre o tempo de Newton e o de Proust não seja necessariamente abismal. Na verdade, é de se supor que a polêmica focalize muito mais o que Newton definiu como o tempo “absoluto ou verdadeiro” do que como o tempo “relativo ou aparente”. O tempo absoluto, verdadeiro e matemático, ou duração, segundo Newton, é o tempo que flui uniformemente sem nenhuma relação a qualquer referente externo. O tempo relativo, aparente e comum é, ao contrário, medida externa da duração, uma estimativa mais ou menos acurada do tempo absoluto, tal como a hora, o dia ou o ano. Vale notar que a definição newtoniana do tempo absoluto, como base da cronometria, é inútil para a ciência.¹⁰ O conceito do tempo relativo, sua mensuração por movimentos externos regulares, por sua vez, não surgiu como medida inteiramente estranha à ocorrência e à seqüência das atividades sociais do homem. Em Atenas e em Roma, o principal período da atividade humana, o período que vai do nascer ao pôr do sol, sempre foi dividido em 12 partes. Estas partes, mensuradas pelos *clepsydrae* e corrigidas para variações sazonais, ajustavam-se *grosso modo* à rotina diária da vida social. Por exemplo, a *sexta hora* deste período era o momento da sesta.¹¹ O tempo social — ou o tempo subjetivo, na medida em que sua vivência individual seja socialmente determinada como, por exemplo, no “minuto de silêncio,” para a expressão dos sentimentos de perda e de recordação — não está, portanto, tão distanciado do tempo físico. Persistindo os processos da vida industrial, centrados na jornada fixa de trabalho e na separação entre a residência e o local de trabalho, pode-se inclusive conceber que a medida do tempo físico seja rotineiramente internalizada, como é a do tempo social, tornando-se, no dizer de Inkeles, um indicador fidedigno do ajustamento individual à vida moderna.¹²

Talvez seja possível conciliar-se de outro modo as duas noções do tempo, isto é, pelo relacionamento de suas dimensões internas e externas a um fator exógeno — o valor relativo de seus possíveis usos. Assim, o tempo físico pode ser concebido como um *recurso* ou um bem. Socialmente falando, o tempo existe em quantidades finitas. Entretanto, mes-

¹⁰ O problema aparece na demonstração do primeiro axioma da lei do movimento dos corpos. Ver a respeito Nagel, Ernest. *The structure of science: problems in the logic of scientific explanation*. New York, Harcourt, Brace and World Inc., 1961, p. 179-83.

¹¹ Szalai, Alexander. *op. cit.* p. 240-1.

¹² Neste sentido, a indução artificial, via alucinógenos, da percepção subjetiva do tempo, ou seja, da sua mensuração pela intensidade do evento vivenciado, pode mesmo ser a contrapartida moderna dos primórdios da vida industrial, quando punições eram aplicadas para se obter a estrita observância do tempo físico, socialmente definido, do trabalho. Aldous Huxley descreve a experiência do tempo subjetivo artificialmente induzido — “o mundo interno sem trabalho e sem monotonia” — em *The doors of perception*. New York, Harper and Row, 1954.

mo dada a duração média da vida humana, o tempo não envolve necessariamente uma dimensão de escassez que lhe dê valor específico. A importância do tempo como recurso finito é, na natureza do caso, determinada pela percepção humana. Ou, no dizer exato de Heirich, “o tempo é um recurso escasso, somente se alguém percebe usos alternativos para ele”.¹³ Esse é o sentido exato de expressões tais como “tempo é dinheiro” ou “perda de tempo” — a percepção de que o tempo gasto em uma atividade produziria maior retorno de satisfação, se usado em outras atividades. Assim, não há por que supor que a concepção do tempo como recurso escasso seja universal. Heirich sugere, a propósito, que o valor do tempo como recurso varia de acordo com a ênfase relativa que cada cultura dá à mudança e à permanência, ao ser e ao vir-a-ser. “Onde a mudança é lenta e pouco valorizada em si”, diz o autor, “o tempo pode ser concebido em tais unidades de grandeza — uma vida inteira, um século ou a eternidade — porque tem pouco valor em si mesmo. Onde a mudança é mais valorizada do que a permanência, o tempo tende a ser concebido em intervalos finitos, intercambiáveis para uma variedade de usos, e, conseqüentemente, como tendo maior valor.”¹⁴ O valor do tempo é adicionalmente determinado, na sociedade urbano-industrial, por uma combinação específica de usos alternativos. Aqui, a própria rotina da vida já está estruturada em termos de usos socialmente estimados do tempo. Já se cristalizou nessa sociedade uma pauta de prioridades para o uso do tempo, capitaneada pelo uso do tempo em trabalho. Assim, a concepção do tempo como recurso escasso, e seu conseqüente valor, está muito mais centrada na questão dos *montantes relativos de tempo* alocados para usos socialmente compulsórios e usos discricionários. Excluída a demanda fisiológica do tempo de sono e de alimentação, a questão do valor do tempo se equaciona em termos do montante dedicado ao trabalho e de tempo livre ou de lazer — a parcela poupada para o desempenho de atividades de natureza privada, posta à disposição do usuário humano para ser gasta como melhor lhe aprouver “sem ouvir dentro de si as batidas do relógio do tempo físico.”¹⁵

3. Mensuração do uso do tempo

A concepção do tempo físico como recurso escasso, isto é, passível de usos alternativos, justifica o registro das atividades componentes da rotina diária em termos dos montantes diferencialmente usados. *O orçamento de tempo* é o instrumento apropriado para a mensuração do seu uso nas várias atividades cotidianas.

Um orçamento de tempo deve ter a característica básica de um instrumento contábil, registrando a distribuição de todos os tipos de atividade durante todo o tempo compreendido por seu quadro temporal de

¹³ Heirich, Max. The use of time in the study of social change. *American Sociological Review*, v. 29, n. 3, June, 1964, p. 386-97.

¹⁴ Idem, *ibid.* p. 387.

¹⁵ Szalai, Alexander. *op. cit.* p. 241.

referência. Ele assemelha-se a um orçamento financeiro no sentido de que registra a alocação de tempo para diferentes atividades, à maneira do registro da distribuição de fundos para diferentes objetivos.¹⁶ Entretanto, existem diferenças básicas entre os dois tipos de orçamento. Como o tempo não pode ser “ganho”, mas tão-somente gasto, o orçamento de tempo não possui entrada de “rendas”. Na verdade, “o fundo de tempo alocado para várias atividades é simplesmente um período finito de tempo físico adotado como base para a mensuração das proporções que as pessoas usam no desempenho de suas diferentes tarefas cotidianas.”¹⁷

Não existe, entretanto, qualquer motivo para limitar o orçamento de tempo ao registro da *duração* das atividades. Ele pode perfeitamente incluir a hora de *ocorrência* de determinada atividade; a *frequência* desta última dentro do quadro temporal de referência; a *seqüência* em que ocorre em relação à de outras atividades; e inclusive variáveis espaciais, tais como o *local* onde ocorreu determinada atividade; na *companhia* de quais pessoas, etc. Da mesma forma, um orçamento de tempo deveria registrar todas as atividades desempenhadas *simultaneamente* como, por exemplo, ouvir rádio enquanto se trabalha, ou ler durante as refeições. Tais informações são particularmente importantes quando a pesquisa de orçamentos de tempo é feita com vistas a contribuir para o planejamento social ou urbano, onde os aspectos puramente temporais das atividades cotidianas são tão importantes quanto os espaciais e de padrões de interação social.

A forma de coleta das informações sobre o uso de tempo durante determinado período, bem como a seleção da amostra a ser estudada, é, como em qualquer pesquisa, função dos objetivos gerais de análise. O

¹⁶ Este era, a propósito, o sentido da crítica de Marx ao capitalismo industrial competitivo. O mecanismo da apropriação da mais valia do proletariado consistiria na extração de seu tempo de trabalho, além do tempo socialmente necessário para a produção de bens, até os estritos limites do tempo mínimo necessário para o atendimento de suas demandas fisiológicas e de recuperação física. A inexistência de uma parcela de tempo para o lazer — na concepção marxista, para o livre desenvolvimento da personalidade e das potencialidades humanas — seria assim a medida certa das desigualdades geradas pelo capitalismo industrial.

¹⁷ Szalai, Alexander. Trends in contemporary time budget research. *American Behavioral Scientist*, v. 9, n. 9, May 1966, p. 3-8. É essencial que o orçamento de tempo inclua uma relação exaustiva dos tipos possíveis de atividades cotidianas. O *Projeto Multinacional de Pesquisa de Orçamentos de Tempo*, patrocinado pelo International Social Science Council, em 1965, e realizado em 10 países do Leste e do Oeste, utiliza 96 categorias de atividades na codificação dos dados coletados. Ver The Multination time-research project. Apêndice de *The American Behavioral Scientists*, n. 9, Dec. 1966; e o *Avant-Projet de Codification Definitive pour l'Enquête Internationale sur Budget-Temps*. Bruxelles, Université Libre de Bruxelles, Institut de Sociologie, Dec. 1964. mimeogr. Uma relação bastante completa de tipos de atividade pode ser também encontrada no trabalho clássico do Escritório Central Húngaro de Estatística. *The twenty-four hours of the day*. Budapest, 1965. A esse respeito, vale a pena consultar os trabalhos de Guilbert, Madeleine et alii. Problèmes de méthode pour une enquête de budgets-temps: les cumuls d'occupations. *Revue Française de Sociologie*, v. 6, n. 3, juin/sep. 1965, p. 325-35; e Les budgets-temps et l'étude des horaires de la vie quotidienne. *Revue Française de Sociologie*, v. 8, n. 2, avr./juin 1967, p. 169-183.

estudo de 12 mil orçamentos de tempo realizado pelo Escritório Central Húngaro de Estatística utilizou entrevistas retrospectivas, focalizando a alocação de tempo no dia imediatamente anterior.¹⁸ Já o estudo feito pelo Survey Research Center da Universidade de Michigan lançou mão de um "diário de tempo" preenchido pelo próprio entrevistado.¹⁹

A estrutura geral de um orçamento de tempo é bastante simples. Utilizando-se o mesmo quadro temporal de referência para um mesmo grupo humano vivendo sob condições similares, pode-se conceber que parte da sua rotina cotidiana se realize dentro de um montante *fixo* de horas, no sentido de que o uso desta parcela de tempo seja social ou fisiologicamente compulsória. Por exemplo, uma pessoa necessita de seis horas diárias de sono; deve trabalhar oito horas por dia e gasta em média uma hora ou mais de condução da casa para o trabalho. As sete ou oito horas restantes constituem seu tempo *livre*, parte do qual é regulado por convenções sociais, tais como obrigações familiares ou de associação, e parte por preferências individuais.

A interpretação dos orçamentos de tempo já não é problema tão simples. Um orçamento de tempo é limitado no sentido de que ele fornece informações descritivas sobre o montante de tempo gasto em diferentes atividades, devendo-se a inferência dos fatores determinantes da distribuição observada, em larga medida, à sensibilidade e às preferências particulares do investigador. Consideremos a informação hipotética de que uma população gasta, diariamente, a média de 10 minutos em leituras. Este montante é pequeno, suficiente ou excessivo? Por que 10 minutos diários são, afinal de contas, dedicados a leituras? A distribuição de atividades dentro do quadro temporal de referência oferece apenas indicações gerais para estas questões.

Outra abordagem, mais extensiva e menos sujeita aos humores da interpretação subjetiva do estudioso, é aquela que se remete diretamente ao problema dos usos alternativos do tempo. Um bom exemplo desta interpretação de orçamentos de tempo nos é fornecido pelo estudo de Alexander Szalai, sobre uma fábrica nos arredores de Budapeste. Dado o relativo isolamento da fábrica, Szalai observou que o montante de tempo gasto pelos trabalhadores nas viagens diárias de casa para o trabalho variava consideravelmente, de um valor mínimo de 30 minutos a um valor máximo de cinco horas. Ora, considerada a propriedade de igual distribuição do tempo físico, se mais tempo é gasto em uma certa atividade, menos tempo haverá disponível para outros usos. Na medida em que a jornada diária de trabalho era fixada em oito horas e meia, o aumento do tempo gasto em transporte só poderia comprimir os montantes de tempo discricionário e de sono. A questão fundamental era, portanto, a de se saber que *outras* atividades tiveram seu uso de tempo comprimido pelo aumento das horas gastas em transporte. Szalai veri-

¹⁸ *The twenty-four hours of the day*. op. cit.

¹⁹ Converse, Philip & Robinson, John P., *How americans use their time*. Ann Arbor, Survey Research Center. Os resultados desta pesquisa serão publicados em livro, organizado por Angus Campbell e Philip Converse, pela Russell Sage Foundation.

ficou que a crescente “pressão” do tempo de viagem *não* produzia uma redução uniforme das demais atividades diárias. Mais ainda: que a “compressibilidade” relativa das várias atividades variava em função das características sociais da população estudada. Por exemplo, o acréscimo de tempo gasto em transporte exercia impacto insignificante, para a população como um todo, sobre as horas de sono. Mas havia um decréscimo sensível do tempo de sono das mulheres casadas e, especialmente, das mulheres casadas com filhos — enquanto que o que se dedicava a trabalhos domésticos, neste grupo, permanecia estável. Ainda para o total da população, Szalai verificou que o maior impacto da crescente “pressão” ocasionada pelo tempo gasto em transporte se dava exatamente sobre as atividades de recreação e de estudos. Não obstante, o tempo médio gasto em estudos permaneceu significativamente maior para o grupo de trabalhadores especializados do que para o de aprendizes e ajudantes, considerados iguais incrementos de tempo gasto em transportes.²⁰

Dentro de um quadro temporal de referência, a duração das várias atividades pode se reduzir ou se expandir até os limites dos gastos de tempo social e fisiologicamente compulsórios. Neste sentido, torna-se possível a *análise de elasticidade* das atividades cotidianas, isto é, de sua capacidade de expansão ou de contração, dado o volume relativo de tempo fixo. O ponto essencial desta abordagem é que os valores de compressão e de expansão variam largamente para diferentes atividades. Dado que esta variação é função de características *sociais*, a análise de elasticidade revela a importância relativa de certas atividades para um determinado grupo e sua demanda por um certo perfil de uso de tempo.²¹

O desenvolvimento do conceito de orçamento de tempo acompanha assim a evolução histórica do estudo de orçamentos familiares. A partir do fim do século XVIII, na Inglaterra e na França, foram realizadas análises da renda e das despesas de famílias operárias com vistas ao estudo da pobreza humana. Estes primeiros estudos consistiam na contabilização minuciosa de todos os rendimentos e despesas familiares durante um certo período de tempo, e eram utilizados — a exemplo dos estudos de Frederic Leplay, no século XIX, sobre as condições de vida do operariado europeu — para fins puramente descritivos. A análise dinâmica dos orçamentos familiares, focalizando o impacto dos aumentos de renda sobre a “hierarquia de necessidades” do operariado, teve início mais tarde, com os estudos de Eduard Engel. Pela observação de certas regularidades de gastos nos orçamentos familiares, Engel formulou em 1882 as suas famosas “leis”: por exemplo, que o aumento da renda das famílias

²⁰ Szalai, Alexander: Differential evaluation of time budgets for comparative purposes. op. cit. p. 252-3. Ver ainda *The twenty-four hours of the day*, op. cit. passim.

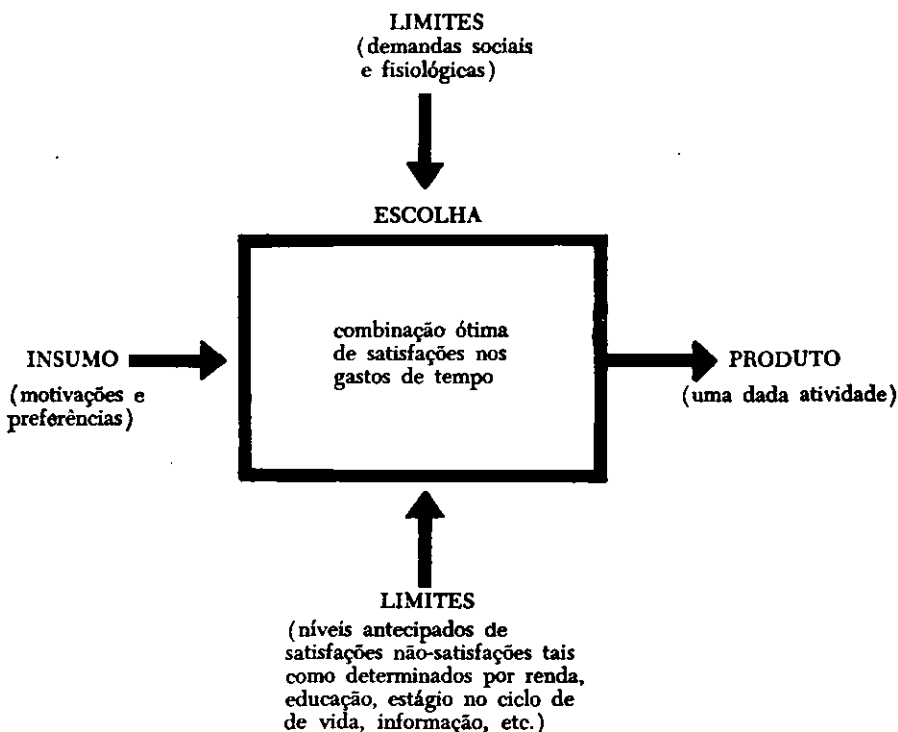
²¹ A análise de elasticidade é exemplificada nos trabalhos de Szalai, Alexander. op. cit.; Sorokin, Pitirim A. & Berger, Clarence Q. *Time budgets of human behavior*. Cambridge, Harvard University Press, 1939; e Lauwe, Paul Henri Chombart de. *La vie quotidienne des familles ouvrières*. Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1956.

mais pobres era quase totalmente destinado à alimentação. Mas que, a cada incremento adicional, uma parcela crescente da renda era gasta em roupas, bens de consumo duráveis e atividades culturais.²² Os trabalhos de Engel afastam-se, portanto, da descrição comparada de níveis de vida, ao considerar os orçamentos familiares como “relatório de atividades econômicas a partir do qual é possível a inferência de padrões subjacentes de comportamento e de motivação”.²³

A proposição mais ampla do estudo de tais orçamentos é exatamente a de que a alocação de tempo para usos alternativos é produto de *escolhas* humanas, dentro dos limites impostos por demandas sociais e fisiológicas. A alocação diferencial para uma atividade específica revela as-

(QUADRO 1)

DECISÃO SOBRE O USO DE TEMPO



²² A crítica às “leis de Engel” parece ter sido formulada pela primeira vez por Halbwegs, Maurice. La classe ouvrière et les niveaux de vie. *L'Année Sociologique*, 1913.

²³ Cf. Szalai, Alexander. Trends in comparative time budget research, op. cit. p. 3.

sim o padrão subjacente de preferências e de motivações sociopsicológicas. Em outras palavras, o desempenho de certa atividade é produto de um processo de escolha cujos insumos são valores socialmente induzidos. O quadro 1, da página anterior sugere um modelo de articulação destes vários fatores.²⁴

O modelo sugerido mostra que a ocorrência e a duração de uma determinada atividade não é produto de causas fortuitas e independentes da decisão humana. Ao contrário, o desempenho de uma atividade durante certo tempo traduz uma escolha orientada por valores de natureza social e limitada pelo montante de tempo discricionário disponível para um indivíduo. O mesmo processo de escolha opera, conseqüentemente, na decisão de realocação de tempo ou de desempenho de certas atividades quando se verifica uma expansão ou uma contração do montante individual de tempo discricionário.²⁵ Mensurar e explicar as regularidades na alocação e na realocação do tempo — como chave para descrição e explicação das desigualdades e das mudanças sociais — é, portanto, o objetivo último da análise do orçamento de tempo.

4. Diferença no uso do tempo

O modelo proposto aplica-se imediatamente à análise das diferenças no uso do tempo. Ele permite, em primeiro lugar, estudo da distribuição das várias atividades cotidianas de acordo com sua ocorrência e duração. Este foco revela, de maneira aproximada, as alternativas de escolhas abertas a um indivíduo específico. É evidente que existem demandas sociais e fisiológicas, assim como situações e recursos individuais, que limitam o escopo dos possíveis usos alternativos do tempo. O passo seguinte, portanto, consiste na avaliação dos montantes relativos de tempo fixo e de tempo livre existentes. O impacto de outros fatores limitantes, tais como estágio no ciclo de vida e ocupação, pode ser estimado por meio de comparações sistemáticas. Finalmente, a análise de elasticidade nos revela a importância relativa de cada tipo de atividade.

Um bom exemplo desta utilização do orçamento de tempo, dentro de uma abordagem sincrônica, é o estudo de Madeleine Guilbert e outros, sobre o uso de tempo de trabalhadores na região de Paris. Um total de 696 trabalhadores adultos foram entrevistados em 1963 sobre suas ati-

²⁴ O modelo em questão foi formulado a partir do trabalho de Chapin Jr., F. Stuart & Logan, Thomas H. Patterns of time and space use. In Perloff, Harvey S. ed. *The quality of the urban environment*. op. cit. p. 305-32.

²⁵ Max Heirich põe em relevo um problema crucial na análise da realocação de tempo. No seu dizer, “a alocação de tempo, como um insumo, só é conceitualmente útil quando relacionada a um produto resultante do seu uso. Uma atividade pode não ter perdido em importância se menos tempo lhe é agora dedicado sem que o seu “produto” tenha sido alterado. Neste caso, outras atividades terão antes ganho em importância relativa”. Ver Heirich, Max. op. cit. p. 387. Este problema requer o estabelecimento de medidas independentes do “produto” ou do “valor” de cada atividade cotidiana — como o seu retorno econômico, por exemplo — e assim extravasa os propósitos do presente trabalho.

vidades em dias da semana e no domingo.²⁶ O quadro 2 apresenta sinteticamente os resultados para homens e mulheres, por classe de ocupação.

Quadro 2

USO DE TEMPO DE TRABALHADORES URBANOS, POR SEXO E OCUPAÇÃO, NA FRANÇA, EM 1963

(Em horas)

GASTOS DE TEMPO	HOMENS			MULHERES		
	Manual	Não-manual	Profissional	Manual	Não-manual	Profissional
<i>Tempo Fixo</i>						
Trabalho principal	9,3	8,6	8,5	8,6	8,1	7,7
2.º emprego.....	0,8	0,7	0,7	0,7	0,6	0,6
Transporte.....	1,1	1,2	1,3	0,9	1,4	1,0
Sono.....	7,9	8,0	7,9	7,6	8,0	8,2
Obrigações domésticas.....	0,1	0,2	0,0	2,8	2,3	1,3
Cuidar de crianças.....	0,0	0,1	0,0	0,9	1,3	1,5
Refeições.....	1,5	1,6	1,6	1,3	1,3	1,5
TOTAL.....	20,7	20,4	20,0	22,8	23,0	21,8
<i>Tempo Livre</i>						
Leitura.....	0,3	0,6	0,9	0,0	0,3	0,7
Outras atividades.....	3,0	3,0	3,1	1,2	0,7	1,5
TOTAL.....	3,3	3,6	4,0	1,2	1,0	2,2

FONTE: Guilbert, Madeleine et al. Enquête comparative de budgets-temps (II), *Revue Française de Sociologie*, v.6, n.4, p. 487-512, 1965.

Os gastos de tempo estão ordenados por grandes tipos de atividades cotidianas, para facilidade de apresentação. A categoria "transporte", por exemplo, significa basicamente as viagens realizadas entre a casa e o trabalho. "Obrigações domésticas" inclui uma série de atividades realizadas no lar como, por exemplo, preparação de alimentos, limpeza e conservação do domicílio, lavagem de roupas, etc. Entre as atividades de lazer, apenas o tempo usado em leitura é posto destacado para fins comparativos. É desnecessário dizer que uma lista mais completa das principais atividades cotidianas subiria a algumas dezenas de categorias.

O quadro anterior mostra que o tempo fixo, o tempo social e fisiologicamente compulsório, representa, em média, 20 horas diárias. Para esta população, portanto, o tempo livre ou discricionário limita-se, em média, a 4 horas diárias. Vale notar que o tempo despendido em trabalho e em sono representa cerca de 85% do montante médio de tempo fixo.

²⁶ A amostra é composta de homens e mulheres adultos e engajados na força de trabalho. A subamostra de donas de casa não entra no quadro apresentado. Ver Guilbert, Madeleine et al. Enquête comparative de budgets-temps (II). *Revue Française de Sociologie*, v. 6, n. 4, oct./dec. 1965, p. 487-512.

Entretanto, o tempo fixo dos orçamentos diários *não* é igualmente alocado para diferentes grupos de sexo e de ocupação, e a análise destes diferenciais nos permite inferir gêneros de vida específicos e distribuição de atividades como função de características sociais. Considere-se em primeiro lugar o grupo ocupacional a que pertencem os trabalhadores. Independentemente de seu sexo, observa-se que os profissionais dispõem de quase uma hora diária a mais de tempo livre do que os trabalhadores manuais. Esta hora extra de lazer atribuída aos profissionais é quase que inteiramente alocada para leituras, variando de 54 minutos diários para profissionais masculinos a 42 minutos para profissionais femininos. Focalizando unicamente o grupo *masculino*, vale ressaltar alguns diferenciais no uso do tempo fixo. As horas de sono de trabalhadores manuais e profissionais são essencialmente as mesmas, mas os profissionais trabalham uma hora a menos, em média, por dia. Ao contrário dos dois outros grupos, os profissionais estão inteiramente libertos de tarefas domésticas. Para o grupo *feminino*, o diferencial de uma hora de trabalho se mantém, observando-se a perda de cerca de 30 minutos de sono entre trabalhadores manuais e profissionais. A diferença notável dentro do grupo feminino, entretanto, é aquela encontrada no uso de tempo em tarefas domésticas: as profissionais gastam uma hora *a menos* em obrigações domésticas e uma hora *a mais* cuidando de crianças, do que as trabalhadoras manuais, dado que sugere a importância de um estudo sobre práticas de socialização entre grupos ocupacionais.

Considere-se, em segundo lugar, o efeito do fator sexo no uso do tempo. O quadro 2 mostra que os homens trabalham, em média, 30 minutos diários *a mais* do que as mulheres. Ele também mostra que os gastos de tempo em transporte e em sono são, aproximadamente, os mesmos para os dois grupos. Não obstante, as mulheres dispõem, em média, de *menos* duas horas e meia diárias de tempo livre. A fonte deste diferencial é claramente visível: as tarefas domésticas, inclusive o cuidado de crianças, ocupam três horas e 18 minutos do dia típico da mulher — contra seis minutos, em média, do dia masculino. A existência deste diferencial resulta obviamente da superposição da divisão social do trabalho sobre a divisão tradicional do trabalho entre os sexos, como se carregar o peso da tradição fosse o preço a pagar pela participação feminina no mundo moderno. Vale notar que este diferencial não parece ser substancialmente alterado pelo maior sucesso feminino dentro da força de trabalho: as obrigações domésticas absorvem entre 16% do montante de tempo fixo para trabalhadores manuais e 12%, para profissionais. Nem é este diferencial uma realidade exclusiva da França.

O uso diferencial de tempo livre fornece outras informações importantes sobre gêneros de vida. É óbvio que quanto mais longo for o dia de trabalho, menor será o tempo disponível para atividades discricionárias — exceto se as proporções forem claramente desfavoráveis às mulheres, uma vez que o tempo requerido para obrigações domésticas continua fundamentalmente o mesmo. Na verdade, as atividades domésticas parecem ser um componente “fixo” do dia feminino. Isto significa que, a cada incremento do tempo de trabalho e de transporte, corresponde uma

redução do tempo discricionário. Uma vez realocado o tempo livre, cada novo acréscimo no de trabalho passa a comprimir o tempo gasto em refeições e cuidados pessoais e, inclusive, em sono. O quadro 2 mostra isto claramente para a categoria de mulheres em ocupações manuais. O aumento do tempo de trabalho também produz alterações no *tipo* de atividades discricionariamente empreendidas. Infelizmente, o mesmo quadro não distribui o tempo livre pelas suas atividades componentes. Resultados de outros estudos podem, entretanto, ser utilizados para fins de ilustração. Já foi aqui citada a proposição de Alexander Szalai, no sentido de que o aumento do tempo de trabalho tende a comprimir mais o tempo gasto em recreação e em estudos, do que o tempo de sono e de descanso.²⁷ F. Stuart Chapin Jr. e Thomas Logan observaram, em seu estudo de 1467 domicílios nos Estados Unidos em 1960, que o aumento do tempo de trabalho prejudicava, especialmente, o tempo gasto em visitas sociais e em atividades discricionárias empreendidas fora do lar. Na verdade, este estudo indica que 77% da média de cinco horas e 42 minutos diários de tempo livre são dedicados a atividades empreendidas *dentro* do lar. Assim, o aumento da jornada de trabalho tenderia a confinar mais o trabalhador em seu mundo doméstico.²⁸ Vale notar que a duração da jornada de trabalho não é o único determinante da distribuição e da duração das atividades discricionárias. O estágio no ciclo de vida, indicando a ocorrência de responsabilidades domésticas adicionais, é outro fator de especial importância. Jean Stoetzel, em seu estudo do uso do tempo por mulheres francesas, observou que quanto maior o número de filhos, maior o montante de tempo para recreação dentro e fora do lar.²⁹ Da mesma forma, Szalai nota que "o casamento, em qualquer país, reduz a participação em educação e em treinamento ocupacional, por um lado, e em atividades cívicas e coletivas, por outro."³⁰ Efeitos similares podem ser observados como função de renda, educação e idade.³¹

Finalmente, cabe observar as variações do tempo utilizado em transportes. O quadro 2 mostra uma pequena diferença, da ordem de 15 minutos, nas viagens entre a casa e o trabalho, para o grupo de trabalhado-

²⁷ Differential evaluation of time budgets for comparative purposes. op. cit. p. 252 e seg.

²⁸ Patterns of time and space use. op. cit. p. 324 e seg.

²⁹ Stoetzel, Jean. Une étude de budget-temps de la femme dans les agglomérations urbaines. *Population*, v. 3, jan./mar 1948, p. 47-62.

³⁰ Szalai, Alexander et al. Multinational comparative social research. *The American Behavioral Scientist*, v. 10, n. 4, Dec. 1966, p. 24.

³¹ Chapin Jr., F. Stuart & Logan, Thomas. op. cit. p. 324 e seg. Consultar ainda os trabalhos de Havighurst, Robert J. Leisure and life style. *American Journal of Sociology*, v. 64, Jan. 1959, p. 396-404; e The leisure activities of the Middle-aged. *American Journal of Sociology*, v. 63, n. 2, Sep. 1957, p. 152-62; e de Clarke, Alfred C. The use of leisure and its relation to levels of occupational prestige. *American Sociological Review*, v. 21, n. 3, June 1965, p. 301-7, e Samuelson, Merrill et al. Education, available time, and use of mass media. *Journalism Quarterly*, v. 40, p. 491-6.

res manuais e de profissionais. Tal diferença, entretanto, é bastante significativa, do ponto de vista da dinâmica de localização espacial nas cidades. O tempo gasto em transporte revela, em larga medida, os processos determinantes da localização residencial. Isto não significa que o fenômeno possa ser imediatamente apreendido a partir da duração do tempo de viagem. Por exemplo, a leitura do quadro apresentado pode sugerir que o maior gasto de tempo em transporte pelos profissionais indique que este grupo tenda a residir em subúrbios afastados do centro da cidade. Somente para sugerir a complexidade do problema, vale a pena apresentar evidência contrária a esta proposição. James N. Morgan, em um estudo do tempo gasto em transportes nas 12 maiores áreas metropolitanas dos Estados Unidos, sugere que a proposição de que a maioria das pessoas cujo trabalho no centro da cidade tem a duração de suas viagens em função da distância entre a residência e o trabalho só se aplica a cidades de tamanho médio. Nas grandes áreas urbanas, ao contrário, uma parcela considerável da população trabalha fora do centro da cidade e, portanto, é a velocidade da viagem — e não a distância entre a casa e o trabalho — que determina o tempo gasto em transporte.³²

5. Diferenças nacionais no uso do tempo

A aplicação do modelo proposto, ainda dentro de uma abordagem sincrônica, é igualmente útil para a avaliação dos diferenciais de uso do tempo devidos a fatores agregados, tais como o nível de urbanização e de industrialização e as características culturais de uma sociedade. A realização em 1965 do Projeto Multinacional de uma Pesquisa de Orçamentos de Tempo, abrangendo 10 países ocidentais e euro-orientais, gerou informações que permitem análise comparada do uso do tempo em diferentes sociedades.

O quadro 3 discrimina a alocação de tempo para quatro grandes grupos de atividades em 10 países diferentes. Os países ocidentais incluem Estados Unidos, França, Bélgica e Alemanha Ocidental. Os países euro-orientais englobam União Soviética, Hungria, Polônia, Bulgária, Iugoslávia e Checoslováquia.³³

³² Ver Morgan, James N. A note on the time spent on the journey to work. *Demography*, v. 4, n. 1, 1967, p. 360-2. Uma discussão mais abrangente do problema encontra-se em Valladão, Isabel & Souza, Amaury de. *A separação casa-trabalho: fatores e conseqüências e em* Teffé, Mario & Souza Amaury de. *Transporte e desenvolvimento urbano*, ambos documentos de trabalho publicados pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro em 1970. Vale a pena consultar a esse respeito os trabalhos de John Meyer et al. *The urban transportation problem*. Cambridge, Harvard University Press, 1965; de Lansing, John B. & Mueller. Eva. *Residential location and urban mobility*. Ann Arbor, Survey Research Center, 1964; e de Hurst, Michael E. Eliot. Land use-travel movement relationships. *Trafic Quarterly*, apr. 1969, p. 263-74.

³³ Ver The multination time research project, op. cit.

Quadro 3

**DURAÇÃO MÉDIA, EM HORAS, DAS ATIVIDADES DIÁRIAS DE
TRABALHADORES URBANOS, POR SEXO E DIA DA SEMANA,
EM DEZ PAÍSES, EM 1965**

ATIVIDADES POR GRUPO DE PAÍSES	HOMENS			MULHERES		
	2.ª a 6.ª feira	Sábado	Do- mingo	2.ª a 6.ª feira	Sábado	Do- mingo
<i>Países Ocidentais*</i>						
Trabalho.....	9,2	5,2	1,6	7,2	4,0	0,8
Obrigações domésticas.....	1,3	2,8	2,2	3,9	5,2	4,6
Demandas fisiológicas.....	9,9	10,4	12,2	10,0	10,5	12,0
Tempo livre.....	3,6	5,6	8,0	2,9	4,3	6,6
TOTAL.....	24,0	24,0	24,0	24,0	24,0	24,0
<i>Países Euro-orientais**</i>						
Trabalho.....	9,1	8,2	1,9	7,8	7,0	1,3
Obrigações domésticas.....	2,0	2,2	3,5	4,4	5,0	6,5
Demandas fisiológicas.....	9,2	9,2	11,0	9,3	9,1	10,8
Tempo livre.....	3,7	4,4	7,6	2,5	2,9	5,4
TOTAL.....	24,0	24,0	24,0	24,0	24,0	24,0

FONTE: Szalai, Alexander et al, Multinational comparative social research, *The American Behavioral Scientist*, (especial), v. 10 n. 4 p. 29, 1966

* Estados Unidos, França, Bélgica e Alemanha Ocidental

** União Soviética, Hungria, Polónia, Bulgária, Iugoslávia e Checoslováquia.

Talvez a observação mais importante contida no quadro anterior seja a da notável similaridade das proporções nos orçamentos de tempo. Este fato comprova a influência padronizadora da vida urbano-industrial sobre o uso do tempo, mesmo em sociedades significativamente distintas sob outros aspectos.

O tempo de trabalho, inclusive transporte, é em média um pouco maior nos países euro-orientais. Entre os dois grupos de países, ele é consistentemente menor para mulheres. No que diz respeito ao tempo gasto no atendimento de demandas fisiológicas — sono, refeições e cuidados pessoais — a variação entre grupos de países é considerável: os países euro-orientais gastam, em média, uma hora a menos do que os países ocidentais, sem que se verifiquem variações sistemáticas entre homens e mulheres.

O tempo dedicado a tarefas domésticas apresenta variações interessantes. É desnecessário acentuar o diferencial desta alocação de tempo entre homens e mulheres nos dois grupos de países: as mulheres gastam, em média, cerca de duas horas diárias a *mais* em obrigações domésticas. Entretanto, é importante observar que os homens, no grupo de países

euro-orientais, gastam em torno de 30 minutos diários a *mais*, do que nos países ocidentais.

Os países ocidentais dispõem de aproximadamente 40 minutos diários a *mais* de tempo livre, relativos ao total da amostra, do que os países euro-orientais. Entretanto, para o grupo masculino, a diferença é de apenas 30 minutos diários. Mas, para o grupo feminino, esta diferença se eleva a quase uma hora diária. O diferencial de tempo discricionário parece dever-se à maior duração da jornada de trabalho e do tempo gasto em obrigações domésticas, para as mulheres dos países euro-orientais. Mas as diferenças mais significativas entre os dois grupos de países se encontram na distribuição do tempo discricionário. Dados colhidos pelo Projeto Multinacional mostram que, apesar do diferencial de tempo livre, os entrevistados dos países euro-orientais gastam mais de uma hora em leituras por dia, contra cerca de 40 minutos nos países ocidentais. Estes, por outro lado, gastam quase duas horas diárias assistindo televisão, enquanto que o mesmo montante de tempo não ultrapassa 30 minutos nos países euro-orientais. A importância do tempo gasto assistindo televisão nos países ocidentais pode ser avaliada pela análise dos dados relativos aos Estados Unidos. A televisão absorve cerca de 28% de todo o tempo livre, contra 7% na leitura de jornais, 2% na de revistas, 2% na de livros e apenas 1% em audiência de rádio.³⁴ É, portanto, no uso do tempo discricionário que cessa a influência padronizadora da vida industrial e se manifestam as preferências e motivações distintas na população de uma sociedade.

6. O uso do tempo como medida da mudança social

O orçamento de tempo não é um instrumento limitado à abordagem sincrônica. A possibilidade de comparação do uso do tempo entre duas ou mais épocas talvez seja a sua característica mais importante. É exatamente sua aplicação dentro de uma abordagem diacrônica que nos permite avaliar os custos e benefícios do desenvolvimento tecnológico e industrial, e observar a emergência de novas motivações e gêneros de vida. Assim, trata-se de saber em que medida os avanços na organização social do trabalho e a adoção generalizada de inovações tecnológicas contribuíram para a elevação da qualidade da vida, liberando tempo para usos discricionários e aumentando o escopo e a variedade das escolhas humanas.

Existem dois conjuntos de dados sobre o uso do tempo, coletados com diferença de 30 anos, que tornam possível a avaliação das mudanças

³⁴ Robinson, John P. Television and leisure time: yesterday, today, and (maybe) tomorrow, *Public Opinion Quarterly*, v. 33, 1969, p. 210-22. Os diferenciais no uso do tempo são analisados por Converse, Philip E. *Gross similarities and differences in time allocations: a progress report*. Ann Arbor, Survey Research Center, 1966. mimeogr.; e em Robinson, John P. & Converse, Philip E. *The impact of television on mass media usage: a cross-national comparison*. Ann Arbor, Survey Research Center, mimeogr. 1969.

socioculturais induzidas pela industrialização. Estes conjuntos fornecem informações sobre o uso do tempo na União Soviética, em 1924 e 1959, e nos Estados Unidos, em 1934 e 1966. Assim, é também possível estimar-se os diferenciais de mudança sociocultural no contexto de uma economia planejada e no de uma economia de mercado, a níveis comparáveis de industrialização.

O quadro quatro compara os orçamentos de tempo de trabalhadores urbanos na União Soviética, em 1924 e 1959. O primeiro estudo foi realizado por S.G. Strumilin e retomado mais tarde por G. A. Prudensky.³⁵

Quadro 4

MUDANÇAS NOS GASTOS DIÁRIOS DE TEMPO DE TRABALHADORES URBANOS NA UNIÃO SOVIÉTICA DE 1924 A 1959

(Em horas)

GASTOS DE TEMPO	1924		1959	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
<i>Tempo Fixo</i>				
Trabalho remunerado.....	8,3	8,2	7,9	7,8
Viagem para o trabalho.....	0,9	0,9	1,9	1,3
Sono.....	7,7	6,8	7,5	7,5
Refeições.....	1,6	1,3	1,2	0,9
Cozinhar.....	0,5	2,6	0,3	1,4
Cuidar de crianças.....	0,2	0,5	0,4	0,6
Tarefas domésticas.....	1,1	1,7	1,0	1,8
Compras e filas.....	0,2	0,2	0,4	0,7
TOTAL.....	20,5	22,2	20,6	21,5
<i>Tempo Livre</i>				
Educação e leitura.....	1,8	0,7	1,7	1,2
Diversões, etc.....	1,7	1,1	1,7	1,3
TOTAL.....	3,5	1,8	3,4	2,5
<i>Total diário em horas.....</i>	24,0	24,0	24,0	24,0

^ FONTE: Szalai, Alexander, Trends in comparative time-budget research. *The American Behavioral Scientist*, v. 9 n. 9 p. 4, 1966.

Entre 1924 e 1959, verificam-se mudanças importantes no uso do tempo. A jornada de trabalho diminuiu de cerca de 10%, tanto para homens quanto para mulheres. O tempo gasto no atendimento de demandas fi-

³⁵ Os resultados dos dois estudos foram apresentados e analisados por G. A. Prudensky em seu livro *Vnerabochee Vremya Trudyashchikhsya*. Novosibirsk, Academia Soviética de Ciências, 1961, conforme citação de Szalai, Alexander, Trends in comparative time-budget research. op. cit. p. 4. Ver também o trabalho de Yanowitch, Murray. Soviet Patterns of time use and conceptions of leisure. *Soviet Studies*, v. 15, n. 1, July 1963, p. 17-37.

siológicas também decresceu ligeiramente, passando de oito horas e 42 minutos para oito horas e 30 minutos diários. Vale a pena observar a demanda fisiológica de tempo: o período de sono diminuiu ligeiramente para homens e aumentou, também ligeiramente, para mulheres, enquanto que o tempo gasto em refeições reduziu-se para ambos os grupos.

As mudanças mais notáveis são observadas no tempo dedicado às obrigações domésticas, que diminuiu de cerca de 36 minutos para os dois grupos. O tempo gasto na preparação de alimentos decresceu de mais de uma hora para as mulheres, enquanto que as demais tarefas domésticas permaneceram virtualmente estáveis. Uma diferença importante, entretanto, verificou-se no tempo gasto com o cuidado de crianças, o qual, praticamente, dobrou para os homens, entre 1924 e 1959. O decréscimo do tempo passado em trabalho, em obrigações domésticas e em demandas fisiológicas, portanto, fez com que as mulheres soviéticas ganhassem mais de uma hora de tempo extra durante estes 35 anos. Este ganho foi traduzido no aumento de seu tempo livre de cerca de 40 minutos diários.

Mas grande parte do tempo poupado por homens e mulheres ao longo deste período foi consumido pelo aumento naquele despendido em transporte e em compras e filas. Isto é patente no caso dos homens, os quais na verdade perderam cerca de 10 minutos do seu tempo livre. Para ambos os grupos, a diminuição sensível do tempo de trabalho não resultou em um aumento das horas de lazer.

Como variou o uso do tempo nos Estados Unidos durante um período comparável? Os resultados do estudo de G. Ludberg e outros, em 1934, e de Philip E. Converse e John P. Robinson, em 1966, são apresentados no quadro 5.³⁶

A comparação dos dois estudos nos leva a conclusões surpreendentes sobre as mudanças no uso do tempo nos Estados Unidos. Principalmente porque, ao longo de 32 anos de intenso crescimento urbano e industrial, os montantes do tempo fixo e do livre permaneceram *invariantes*. Em outras palavras, o trabalhador americano dispunha de tantas horas de lazer em 1966, quanto em 1934. Este fato é tão mais surpreendente, quando se observa que neste período o tempo médio de trabalho decresceu de cerca de 20 minutos e o tempo dedicado às demandas fisiológicas, de quase uma hora e meia. Os dados apresentados mostram claramente que o decréscimo de 18 minutos no tempo médio de trabalho foi absorvido pelo aumento exato de 18 minutos do tempo médio de transporte; e que a hora e meia poupada às necessidades fisiológicas foi consumida, em termos adicionais, por obrigações domésticas.

³⁶ Os resultados do estudo do uso de tempo realizado em 1934 estão em Lundberg, G. Komarovski, Mirra & McNerny, M. *Leisure: a suburban study*. New York, Columbia University Press, 1934. O estudo de Philip E. Converse e John P. Robinson será publicado dentro em breve. John P. Robinson comparou os dois estudos em *Social change as measured by time budgets*. Ann Arbor, Survey Research Center, 1967. mimeogr.

Quadro 5

MUDANÇAS NOS GASTOS DIÁRIOS DE TEMPO DE TRABALHADORES
* URBANOS NOS ESTADOS UNIDOS DE 1934 A 1966

(Em horas)

GASTOS DE TEMPO	1934		1966	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
<i>Tempo Fixo</i>				
Trabalho remunerado.....	6,2	6,3	7,1	4,8
Viagem para o trabalho.....	1,0	1,0	1,4	1,3
Sono.....	8,5	8,2	7,5	7,5
Refeições.....	1,8	1,8	1,2	1,0
Cozinhar, cuidar de crianças.....				
e outras tarefas.....	0,6	1,3	0,5	2,9
Cuidados pessoais.....	0,8	1,0	1,0	1,3
Compras.....	—	—	0,3	0,7
TOTAL.....	18,9	19,6	19,0	19,5
<i>Tempo Livre</i>				
Leitura.....	1,2	0,7	0,6	0,4
Visitas e ir a clubes.....	1,5	1,6	1,1	1,2
Esportes.....	0,6	0,4	0,9	0,1
Diversões.....	0,8	0,9	0,1	0,3
Rádio.....	0,5	0,5	0,1	0,1
Televisão.....	—	—	1,6	1,4
Outras atividades.....	0,5	0,3	0,6	1,0
TOTAL.....	5,1	4,4	5,0	4,5
<i>Tempo diário em horas</i>	24,0	24,0	24,0	24,0

FONTE: Robinson, John P. *Social change as measured by time budgets*. Ann Arbor, Survey Research Center, 1967 mimeogr.

O significado pleno dos dados só pode ser apreendido pela análise desagregada dos grandes grupos de atividades. O tempo de trabalho é bom exemplo. Na verdade, o decréscimo observado no tempo médio de trabalho é um número fictício. Ele se deve principalmente à diminuição drástica do tempo médio de trabalho das mulheres; entre os homens, o mesmo cresceu quase *uma hora*. Dado que o estudo de Lundberg foi realizado durante a Depressão, era de se esperar a existência deste diferencial. Entretanto, existem outras evidências de que a duração da jornada semanal de trabalho nos Estados Unidos vem aumentando gradativamente, após um período de declínio, desde 1947.³⁷

O tempo de sono decresceu de uma hora desde 1934. O tempo dedicado às refeições diminuiu ligeiramente, enquanto que o gasto em cuidados pessoais aumentou, também, muito pouco.

³⁷ Ver Robinson, John P. op. cit. p. 21.

O acréscimo mais notável, entretanto, foi no tempo gasto por mulheres em atividades domésticas, tais como a preparação de refeições e o cuidado de crianças. De 1934 a 1966, o tempo dedicado a estas atividades *aumentou* de cerca de uma hora e 30 minutos. É possível que este aumento se deva à crescente dificuldade de contratação de empregadas domésticas. Entretanto, o fato sugere que a posse de utensílios elétricos não significa uma redução necessária do tempo gasto em tarefas domésticas.³⁸

O uso do tempo discricionário é outro ponto importante. Já foi observado que o montante de tempo livre manteve-se o mesmo ao longo de 32 anos. Mas as variações no seu uso entre diferentes atividades são consideráveis. Apenas o tempo médio gasto em esportes manteve-se estável durante o período. Quatro tipos de atividades discricionárias — leitura, visitas e clubes, diversões públicas e audiência de rádio — tiveram seu tempo diminuído de uma hora e 48 minutos diários, enquanto que outras atividades de lazer, tais como costura, cochilos durante o dia, correspondência, etc., aumentaram de cerca de 20 minutos.

Outra diferença notável foi observada no tempo gasto assistindo televisão. Desde sua entrada no mercado em 1948, a televisão passou a absorver, em média, uma hora e meia do tempo diário dos americanos. É de se crer que esse montante seja consideravelmente maior para a população fora da força de trabalho, tais como crianças, adolescentes e donas de casa. A análise do quadro 5 mostra que o sucesso da televisão pode ser atribuído, em larga medida, ao fato de ser ela um equivalente funcional de outras atividades discricionárias. Dado que o montante de tempo livre manteve-se estável, a hora e meia hoje dedicada à televisão é, na verdade, a mesma gasta, há 32 anos, em leitura, rádio, visitas e diversões públicas.

A comparação das mudanças no uso do tempo, observadas ao longo de 30 anos nos Estados Unidos e na União Soviética, pode nos fornecer informações extremamente valiosas sobre o impacto geral da industrialização e a importância das características culturais de cada sociedade.

As sociedades americana e soviética apresentaram variações *similares* durante este período. As influências gerais da vida urbano-industrial se manifestaram em pelo menos cinco tipos de atividades cotidianas: tempo gasto em transportes, em sono e em refeições, jornada de trabalho e montante de tempo livre.

O tempo gasto em *transporte* da casa para o trabalho aumentou tanto nos Estados Unidos quanto na União Soviética. Talvez este aumento seja devido à transformação da estrutura espacial das cidades, mantendo-

³⁸ O aumento do tempo gasto em tarefas domésticas pode ser parcialmente explicado pela ação dos valores relativos ao papel da mulher. Esta parece ser uma explicação razoável de um fenômeno semelhante observado na Europa, qual seja, as mulheres que não trabalham fora do lar tendem a dedicar mais tempo às tarefas domésticas durante o *fim de semana* do que as engajadas na força de trabalho. Ver Szalai, Alexander. *Multinational comparative social research*. op. cit. p. 24. O aumento do tempo gasto em tarefas domésticas foi também observado por Morgan, James N. et al. *Productive Americans*. Ann Arbor, Survey Research Center, 1966. p. 111-2.

se uma rede viária e fluxo de veículos orientado para o centro da área urbana.³⁹

Os dados são menos precisos no que diz respeito à jornada de *trabalho*. Existe evidência fragmentária de seu aumento nos Estados Unidos e de sua redução na União Soviética. Entretanto, o tempo gasto em trabalho remunerado é consistentemente mais alto para os homens do que para as mulheres. A mudança mais dramática se verificou nos Estados Unidos, pelo decréscimo acentuado do tempo de trabalho de mulheres e o aumento concomitante de uma hora diária para homens.

A diminuição do tempo de *sono* parece ser uma característica universal. É provável que se deva parcialmente à expansão do tempo requerido para outras atividades. Mas é igualmente concebível que a melhoria das condições de trabalho e da dieta alimentar seja também fator importante. Se este for o caso, tal decréscimo não significa necessariamente uma deterioração da qualidade de vida. A redução do tempo gasto em *refeições* pode ser interpretada de modo similar. Aqui, a poupança de tempo parece ser principalmente devida ao aumento do número de refeições em restaurantes e à mudança de hábitos alimentares.

Talvez o fato mais notável relevado por estes estudos seja a estabilidade do tempo médio de *lazer*. Em outras palavras, nos últimos 30 anos, o montante de tempo livre permaneceu essencialmente o mesmo nas sociedades altamente industrializadas. A promessa da vida industrial — liberação do tempo humano pela mecanização e pela organização racional do trabalho — se verdadeira, ainda está por ser cumprida.

As *diferenças* observadas entre as duas sociedades são igualmente importantes, pois têm essencialmente a ver com a mudança do papel da mulher na sociedade. O diferencial mais importante diz respeito ao tempo gasto por mulheres em *tarefas domésticas*. A jornada média de trabalho para o grupo feminino parece ter sido reduzida em ambas as sociedades. Verificou-se também uma redução do tempo gasto em sono e em refeições. Mas, como a mulher realocou o tempo poupado? Na União Soviética, a redução do tempo gasto em trabalho remunerado e em refeições foi da ordem de 66 minutos diários. O montante poupado não foi absorvido pelas tarefas domésticas: na verdade, estas foram reduzidas, aproximadamente, de 30 minutos, sobretudo pelo aumento do tempo gasto por *homens* no cuidado de crianças, elevando o total de tempo poupado para 96 minutos diários. Parte deste montante foi absorvido em sono, transporte e compras, e espera em filas. Entretanto, houve um ganho real de cerca de 40 minutos diários de tempo de lazer, a maior parte do qual foi alocado para leitura e para educação suplementar. Nos Estados Unidos, o tempo poupado foi realocado de forma inteiramente diferente. A redução da jornada de trabalho e do tempo gasto em sono e em

³⁹ Ver a esse respeito o excelente trabalho de Owen, Wilfred. *The metropolitan transportation problem*. New York, Doubleday and Co., 1966. Neste sentido, a manutenção de sistemas obsoletos de transportes urbanos anulou os ganhos trazidos pelas inovações tecnológicas dos meios de transporte, notadamente dos veículos automotores.

refeições foi da ordem de mais de duas horas e meia diárias. O aumento do tempo gasto em transportes, compras e cuidados pessoais absorveu cerca de uma hora do tempo poupado.⁴⁰ O aumento do tempo de lazer, entretanto, foi desprezível. A maior parte do tempo poupado à mulher americana durante 32 anos de desenvolvimento industrial foi realocado para *tarefas domésticas*. Entre 1934 e 1966, houve um aumento de cerca de uma hora e meia no tempo diário dedicado a estas atividades. Uma explicação razoável deste fenômeno é a de que outros fatores, contrapondo-se à tendência igualadora da vida industrial, hajam ativado e reforçado os valores relativos ao *status* tradicional da mulher dentro da sociedade.⁴¹ E embora o tempo de lazer tenha permanecido o mesmo, a mulher realocou o tempo disponível de maneira inteiramente nova. Entre 1934 e 1966, houve uma redução do tempo gasto em leituras, visitas, esportes, rádio e diversões públicas da ordem de duas horas diárias. Cerca de 40 minutos do tempo poupado foram absorvidos em atividades de lazer doméstico, como costuras, correspondência, etc., e quase uma hora e meia foi absorvida pela televisão.

7. Trabalho e lazer

A civilização urbano-industrial se instalou sob a égide da liberação do tempo de trabalho para seu uso em atividades que promovessem o desenvolvimento do indivíduo. A necessidade de se preservar um certo montante de tempo livre para estes propósitos foi, inclusive, codificada na legislação do trabalho da maioria dos países, e traduzida nos limites impostos à duração da jornada semanal de trabalho. A adoção destas medidas restringiu efetivamente a exploração do trabalho humano. A jornada oficial de oito horas diárias de trabalho, por exemplo, deveria ter poupado cerca de 1650 horas anuais.⁴² Mas isto significa que houve um declínio real do tempo de trabalho? E, se a resposta for afirmativa, significa aumento do tempo de lazer? Finalmente, que tipo de lazer foi incrementado?⁴³

⁴⁰ Infelizmente, a pesquisa de G. Lundberg não computou o tempo gasto em compras. Para efeito de comparação, admitiu-se que o tempo gasto em 1934 nos Estados Unidos fosse igual ao da União Soviética em 1924.

⁴¹ Uma proposição similar foi sugerida por Friedan, Betty. *The feminine mystique*. New York, W. W. Norton and Co., 1963. cap. 2. Analisando as novelas publicadas em revistas femininas entre 1930 e 1960, a autora encontrou evidência de uma mudança drástica na concepção do papel da mulher na sociedade, conforme refletida na imagem da heroína das estórias — da mulher independente, ambiciosa e voltada para o mundo do trabalho da década de 1930 para a típica dona de casa, voltada para o lar e a família, dos anos 50 e 60.

⁴² A redução das jornadas semanais de trabalho é discutida por Fourastié, Jean, *As 40.000 horas*. Rio, Editora Forense, 1967.

⁴³ Entre as colaborações dedicadas a estes problemas, destacam-se as de Anderson, Nels. *Work and leisure*. London, Routledge and Kegan Paul, 1961; Friedmann, Georges. *Où va le travail humain?*. Paris, 1960; e Dumazedier, Joffre. *Travail et loisir*. In: Friedman, Georges & Naville, Pierre. *Traité de sociologie du travail*. Paris, Armand Colin, 1962. p. 341-66.

Não cabe apresentar aqui a controvérsia sobre a diminuição real do tempo de trabalho desde os princípios do século XX. Pierre Naville, por exemplo, argumentou que, na França, o tempo médio de trabalho durante toda a vida, na verdade, cresceu nos últimos 50 ou 60 anos. Isto, na medida em que a expectativa média de vida aumentou dramaticamente durante o mesmo período, elevando, conseqüentemente, o número de pessoas que atinge a idade da aposentadoria compulsória.⁴⁴ Pode-se igualmente argumentar que a adoção da jornada oficial não constitui um indicador fidedigno do tempo gasto em trabalho, uma vez que não é computado o tempo despendido em um segundo emprego ou em horas extras. Neste particular, a dinâmica mesma da sociedade industrial pode comprometer seus objetivos de liberação das horas de trabalho. Na verdade, "a tecnologia e o tempo discricionário são entidades parcialmente antagônicas. Uma época que cultiva o desenvolvimento tecnológico deve ser também uma época sequiosa de bens materiais. Para obtê-los, o homem tem que aproveitar-se do poupado pela máquina. Pois, se sua renda dobra e crescem também as despesas, é difícil imaginar que o tempo livre possa ter qualquer aumento."⁴⁵

Os estudos dos orçamentos já mencionados sugerem que a diminuição das horas de trabalho não implica necessariamente aumento de lazer. As tarefas domésticas e principalmente o tempo gasto em transporte absorvem uma parcela crescente do que é poupado ao trabalho. De Grazia inclusive sugere que a diminuição da jornada semanal pode ser muito mais devida à demanda por tempo adicional para as viagens entre a casa e o trabalho, do que por maior lazer.⁴⁶

A crescente disponibilidade de tempo livre tampouco implica necessariamente que seu uso se faça em benefício do desenvolvimento pleno do talento e da personalidade humana. Os resultados dos estudos de orçamentos de tempo são pouco animadores. O acréscimo de tempo discricionário não parece ser acompanhado de aumento da faixa de escolhas humanas. Na verdade, a pesquisa do Escritório Central Húngaro de Estatística sugere que, "durante o assim chamado tempo de lazer, as pessoas não se dedicam a atividades que deveriam ser de sua preferência, mas freqüentemente seguem a linha de menor resistência, isto é, escolhem tipo de atividade que envolva o menor esforço, que se encontre mais à mão."⁴⁷ F. Stuart Chapin Jr. e Thomas Logan apoiam esta assertiva, ao notar que apenas 7 ou 8% do tempo discricionariamente gasto é dedicado a atividades de criação ou que requeiram esforço fi-

⁴⁴ Citado por Szalai, Alexander. Differential evaluation of time budgets for comparative purposes. op. cit. p. 251.

⁴⁵ Grazia, Sebastian de. The problems and promises of leisure. In: Ewald Jr., William R. ed. *Environment and policy: the next fifty years*. Bloomington, Indiana University Press, 1968. p. 112-29. Ver também a coleção de artigos organizada por Charlesworth, James C. Leisure in America: blessing or cursing? *The Annals*, número especial, 1964.

⁴⁶ Grazia Sebastian de. op. cit. p. 115.

⁴⁷ *The twenty-four hours of the day*. p. 52.

sico.⁴⁸ A maior parte do tempo livre é empregada em atividades de natureza passiva e realizadas dentro do lar. Evidentemente, a exposição aos meios de comunicação de massa é uma das mais importantes atuações do tempo de lazer, principalmente assistindo televisão. John N. Robinson, inclusive, argumenta que, entre as principais inovações do consumo de massa no século XX, "o automóvel revolucionou a dimensão espacial da vida, mas foi a televisão que transformou sua dimensão temporal."⁴⁹

Há de se acentuar que a contraposição entre o trabalho e o lazer é dificilmente justificável. O objetivo último do lazer, de estimular e permitir o desenvolvimento das potencialidades humanas, pode ser, em larga medida, realizado por meio de trabalho produtivo ou de atividades intermediárias entre o trabalho e o lazer, o *semi-loisir* mencionado por Dumazedier.⁵⁰ Nem há porque supor que as preferências pelo lazer sedentário e doméstico não se transformem, quando confrontadas com novas condições e facilidades de uso mais produtivo do tempo discricionário. O estudo do uso do tempo pode fornecer indicações extremamente valiosas sobre a distribuição de demandas dentro do espaço urbano e, principalmente, servir como medida do aumento do escopo de escolhas humanas gerado, por exemplo, pela modernização e expansão do sistema de transportes e do equipamento comunitário. Mas, ao revelar o perfil de atividades cotidianas, o orçamento de tempo pode também confirmar sua irredutibilidade, frente às utopias mais sofisticadas do planejamento urbano.

Summary

The Use of Time as a Measure of the Quality of the Urban Life

The author suggests that time-budgets be used to measure the relative proportions of time allocated to the various daily activities. The quality of the urban life is seen as a function of the variety and of the range of choices open to any individual city dweller. The question for social welfare accounts is how much free time is made available to different urban groups in order to enjoy which kind of leisure and community facilities. Measurement problems are discussed, and cross-section and trend results from various countries are presented in the article. The overall picture that emerges from the comparison of a number of studies is that transportation in the cities has absorbed most of the time gained from work throughout the twentieth century. Moreover, the concepts of leisure and work should be reconsidered, given the increasing tendency toward passive and domestic leisure activities.

⁴⁸ Chapin Jr., F. Stuart & Logan, Thomas. op. cit. p. 324.

⁴⁹ Robinson, John N. Social change as measured by time budgets. *Journal of Leisure Research*, v. 1, n. 1. 1969, p. 75-7.

⁵⁰ Dumazedier, Joffre. *Vers une civilisation du loisir?* Paris, Éditions du Seuil, 1962. Este é também o tema do excelente trabalho de Riesman, David & Bloomerg Jr., Warner. *Work and leisure: fusion or polarity?*. In: Nosow, Sigmund & Form, William H. *Man, work, and society*. New York, Basic Books, 1962. p. 35-41.

SÉRIE BIBLIOTECA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (BAP)

Iniciada em 1953 com a edição de "ORGANIZAÇÃO E MÉTODOS", de Harry Miller, a série vem obtendo êxito na tentativa de enriquecer a bibliografia especializada através da publicação de obras que reflitam a realidade administrativa.

Do esforço resultou a elaboração de manuais de indiscutível valia para os que se dedicam ao estudo e às atividades da administração pública, estudantes, administradores, economistas e cientistas sociais em geral, aos quais são oferecidos formulações de problemas administrativos.

A série "BIBLIOTECA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA" inscreve-se, ainda, dentro do propósito de contribuir para a formulação de uma doutrina brasileira da administração pública.

Organização e Métodos

Harry Miller
BAP 1 4.^a edição (a sair)

Técnica de Administração Municipal

Associação Internacional de Administradores Municipais
BAP 2

A Arte da Administração

Ordway Tead
BAP 3 2.^a edição

Introdução à Administração Pública

Pedro Muñoz Amato
BAP 4

Introdução ao Planejamento Democrático

John R. P. Friedman
BAP 5

Princípios de Finanças Públicas

Hugh Dalton
BAP 6 2.^a edição

Problemas de Pessoal da Empresa Moderna

Tomás de Vilanova M. Lopes
BAP 7 4.^a edição

Administração de Pessoal — Princípios e Técnicas

Beatriz M. de Souza Wahrlich
BAP 8

Direito do Trabalho

Délio Maranhão
BAP 9 2.^a edição

O Ensino da Administração Pública no Brasil

Marina Brandão Machado
BAP 10

Classificação das Contas Públicas

José T. Machado Jr.
BAP 11

Administração e Estratégia do Desenvolvimento

A. Guerreiro Ramos
BAP 12

A Intervenção do Estado no Domínio Econômico

Alberto Venâncio Filho
BAP 13

Comunicação em Prosa Moderna

Othon M. Garcia
BAP 14 2.^a edição

Fundações — No Direito, na Administração

Clóvis Zobarán Monteiro e Homero Senna
BAP 15

Planejamento Governamental

Jorge Gustavo da Costa
BAP 16

Custos — Um Enfoque Administrativo

G. S. Guerra Leone
BAP 17

Em Busca de uma Teoria de Descentralização

Paulo Reis Vieira
BAP 18

Nas principais livrarias ou pelo reembolso postal. Pedidos para a Editora da Fundação Getúlio Vargas, Praia de Botafogo, 188 — C.P. 21.120 — ZC-05 — Rio de Janeiro — GB.